

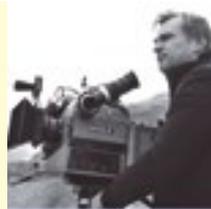
Teatro Fashion Mall renova programação

PÁGINA 2



Chris Nolan é sucessos nas telas e nas páginas

PÁGINA 4



O exótico sabor do pistache invade as mesas da cidade

PÁGINA 16



2º CADERNO

EDIÇÃO DE FIM DE SEMANA

Juliana Nunes/Divulgação

Por Affonso Nunes

Desde a Antiguidade pensadores das mais variadas linhas teóricas tecem teorias acerca do humor. Uma das visões mais correntes nos dias de hoje é a de que ele facilita as relações sociais, sendo muitas vezes o primeiro passo para a aproximar duas pessoas. Os antigos também diziam que rir é o melhor remédio. Não importa a definição, mas todos sabem que rir é muito bom. Neste fim de semana, dois dos maiores nomes da comédia nacional trazem seus aclamados show para os palcos cariocas. São eles Fábio Porchat e Leandro Hassum, em cartaz no Teatro Teatro Multiplan VillageMall e no Qualistage, respectivamente.

Porchat tem o dom da onipresença. Está no teatro, na tevê, no cinema, no YouTube e até em peças publicitárias, sempre esbanjando bom humor e com uma incrível capacidade de achar graça até de si mesmo. Ele acaba de regressar de Curitiba, onde lançou a comédia “Agora É Que São Elas”, com texto e direção suas, para apresentar no Multiplan o “Histórias do Porchat”, um repertório de narrativas que arrancam risadas incontroláveis da plateia pelo Brasil e pelo mundo. O espetáculo já visitou 19 cidades brasileiras e esteve em seis países (Angola, Espanha, França, Irlanda, Portugal e Suíça).

O comediante explica que a ideia deste espetáculo é oferecer ao público momentos de leveza,



Fábio Porchat tira da bagagem impagáveis histórias de suas viagens

O RISO COM ELES É GARANTIDO

Temporada de humor na cidade tem shows de Fábio Porchat e Leandro Hassum neste fim de semana

Divulgação



Leandro Hassum conta história de família hilariantes

aliviando a pressão dos últimos anos de pandemia. E festeja o fato de voltar ao Rio alguns anos após a estreia, com a certeza de que o espetáculo funciona. “Quando eu

estreei no Rio ainda não sabia exatamente como seria a reação do público. Agora tenho a peça pronta, fresca, na mão, redonda. E quem sabe, com esses montes de viagens,

não tem texto novo?”, sugere.

Já Hassum, outro craque do riso, encerra a programação do festival Humor Contra-Ataca que desde janeiro reuniu grandes no-

mes do gênero na casa de espetáculos da Barra. Ele traz a comédia “É Noix Família”, com histórias divertidas sobre a sua própria família, mas que poderia ter acontecido com qualquer pessoa.

No roteiro não faltam as clássicas confusões prontadas pela mãe, esposa, filha, avós, tios, primos e cunhados. Nada escapa do humor afiado e repleto de improvisações do ator, nem mesmo as viagens em família, Natal e as festas de aniversário. Ao brincar com situações do dia a dia da família, incluindo a própria quarentena e o isolamento em tempos de pandemia, com que todos se identificam, Leandro Hassum promete interagir com o público em vários momentos. “Sem palco é como se o meu corpo não tivesse vida. Estava quase fazendo show privado, colocando a minha mulher e a minha filha sentada, igual criança faz com pai e mãe... Chegava uma hora em que eu ficava falando sozinho. Com isso, criei muita história para o show de teatro”, conta.

SERVIÇO

HISTÓRIAS DO PORCHAT

Teatro Multiplan VillageMall (Av. das Américas 3900, Barra da Tijuca)
Até 19/5, aos sábados (21h) e domingos (19h). Sessão extra: 29/3, às 21h | Ingressos entre R\$ 50 (meia) e R\$ 140

LEANDRO HASSUM

Qualistage (Av. Ayrton Senna, 3000 - Barra da Tijuca)
29/3, às 21h | Ingressos entre R\$ 40 (meia) e R\$ 180

CORREIO CULTURAL

Reprodução Instagram



Estutura protege o último mural do artista anônimo

Mural de Banksy em Londres é protegido após vandalismo

Um mural feito pelo artista Banksy em Londres, que pintou uma parede de verde atrás de uma árvore, foi coberto com plástico e cercado por tapumes de madeira após ter sido alvo de atos de vandalismo, com manchas de tinta branca - os autores ainda não foram identificados.

O Conselho de Islington, o

bairro no norte da cidade onde a obra foi pintada, disse que o plástico e as tábuas foram colocados pelo proprietário do edifício.

Após reclamações dos moradores, o conselho estava instalando um cercado ao redor do local devido ao grande número de visitantes que estão indo conferir o trabalho.

Retorno

Após dois anos de descanso de imagem devido ao grande sucesso como a protagonista Juma no remake de "Pantanal" (2022), Alanis Guillen acertou volta à tevê e estará no elenco de "Mania de Você", novela das nove que vai suceder "Renascença".

Em modo turbo

O BBB 24 entrou na reta final em modo turbo. Com a eliminação de Leidy Elin na última terça (26), o reality show da Globo vai precisar eliminar sete personagens até o dia 14 de abril, para ter três finalistas para a final, marcada para o dia 16.

Desejo de parar

Este ano será o último de Raul Gil na TV. O apresentador de 86 anos manifestou ao desejo de parar em dezembro. Sua fala explicando essa vontade vai ao ar neste domingo (31) no Domingão com Huck (Globo), onde será homenageado.

Participação

Conhecida por séries como "3%" (2016), da Netflix; e novelas como "Avenida Brasil" (2012), Bianca Comparato fará participação em "Grey's Anatomy", uma das séries mais vistas do mundo. A notícia foi dada por Beto Skub, um dos roteiristas da atração.

Gui Maia/Divulgação



O Teatro Fashion Mall oferece hoje programação diversificada para atrair públicos distintos

A experiência completa

Reformado, o Teatro Fashion Mall aposta em programação variada com peças, shows de humor, palestras, plataforma virtual e abertura de um café

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Entre as mudanças causadas pela tecnologia e pela tempo de "exílio" da pandemia, uma das consequências é extremamente positiva. O modelo Disney de arte entretenimento o qual, no mesmo lugar, as pessoas podem encontrar espetáculos, gastronomia, interação com plataformas o que permite a maior interação do público. A chamada experiência como forma de consumo enseja uma variedade de programação de modo que se cria a renovação constante.

O Teatro Fashion Mall apresenta, além dos tradicionais espetáculos e shows em cartaz, palestras com escritores e filósofos consagrados, espetáculos de humor e musicais. Dois novos projetos também prometem engajar o público. O primeiro é um café, que será inaugurado em breve no

lobby do teatro, iniciando a formação de um corredor cultural que também ganhará uma livraria ainda este ano. E o segundo é a criação da plataforma de conteúdo digital EntrePalcos, que já está no ar, e vai levar para as redes sociais informações e conteúdo sobre os espetáculos da casa e da cidade.

"O Teatro Fashion Mall está de cara nova. Este ano, optamos por trazer não apenas Teatro e Música, mas outras atividades, numa estratégia de democratizar a programação para que novos e diversos públicos conheçam o teatro. Além disso, vamos abrir um café, e em breve, uma livraria, para que se crie um corredor cultural no lobby, gerando entretenimento completo e diversidade de atrações para os frequentadores", explica o diretor Gilmar Araújo, curador do espaço.

"O teatro é e sempre foi um lugar de acolhimento, então, a curadoria quis ir além dos espetáculos tradicionais, trazendo novas atra-

ções ligadas às artes e ao conhecimento, e investindo em espetáculos que estão crescendo muito no Brasil, como os shows de humor e os musicais", completa Gilmar.

A plataforma de conteúdo virtual EntrePalcos, que já está no ar no YouTube (www.youtube.com/@entrepalcosoficial) e no Instagram (<https://www.instagram.com/entrepalcosoficial/>). A plataforma vai levar para o universo on-line o que acontece nos bastidores, apresentando entrevistas com escritores, iluminadores, atrizes e atores, técnicos, entre outros, antes da estreia do espetáculo; além de pílulas de conteúdo, vídeos longos com entrevistas e informações sobre os espetáculos em cartaz para nutrir o público.

"A ideia é estender a nossa programação para o ambiente virtual, assim, quem segue a gente, fica sabendo antes do que acontece na casa. E aqueles que ficarem curiosos para saber mais sobre algum espetáculo, vão poder ver conteúdo extra na internet. Mais adiante, também vamos divulgar outros espetáculos em cartaz na cidade. A ideia é criar um ambiente virtual e democrático, com programação de qualidade para os seguidores", explica o curador.

Os shows de stand-up comedy estão na agenda. "TsuNANY", com a Nany People, abriu a programação de humor no dia 14 de março. No solo, a atriz relata de maneira divertida os diversos "mal sucedidos hábitos" da vida moderna, como cirurgia plástica sem limites, exercícios físicos em excesso, uso indiscriminado de celulares, entre outros.

Além do humor, os musicais também vão ocupar o teatro ao longo do ano, a exemplo da paródia musical "Stranger Sings" e apresentações das práticas de montagens de escolas de teatro musical tradicionais da cidade. Os espetáculos infantis continuam acontecendo aos finais de semana, com atrações para toda a família.

SERVIÇO

Teatro Fashion Mall (Estrada da Gávea, 899, sala 213, São Conrado)

CRÍTICA / TEATRO / JULIETA MAIS ROMEU

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

Há uma expressão que se adequa a várias situações: “levantou para o outro cortar”. A frase que mostra um enorme acerto, pois uma boa cortada vale medalha de ouro. Em arte, vemos que determinadas obras, daquelas que percorrem séculos, pela sua enorme qualidade servem a todo tipo de releitura, adaptação, paródia.

O grupo potiguar Asavessa desembarca pela primeira vez no Rio apresentando o espetáculo “Julieta Mais Romeu”, uma divertida e lúdica adaptação do texto de Shakespeare para a linguagem popular do teatro de rua e com elementos da regionalidade nordestina, relembrando a história do casal, símbolo universal de amor.

Há um grande acerto em todos os sentidos. O primeiro mérito é a capacidade do trio Camilla Custódio, Deborah Custódio e José de Medeiros fazerem um texto que, apesar do tom de praticamente uma commedia dell’arte, consegue manter os emblemáticos diálogos como o da des-

Igualzinho àquele seu

Tiago Lima/Divulgação



O grupo faz uma boa leitura regionalizada do clássico shakesperiano

pedida do casal depois da primeira noite e quando Julieta descobre Romeu morto, mantendo seu sentido, mas reconstruindo

na linguagem popular. Até a criação, tem momentos de pura genialidade. Os cães do Frei se chamam Ave e Maria. Tem

nome melhor para “pet” de frade?

O grupo é formado pela diretora Paula Queiroz, e compõem o elenco Caju Dantas, Deborah Custódio, Gláucia de Souza, José de Medeiros, Rubinho Rodrigues e Salésia Paulino. A direção permite que os atores se movimentem, façam os papéis importantes ao mesmo tempo que funcionam como coro. Além de serem ótimos atores de comédia, sem serem comediantes clássicos, seu jogo de corpo é muito impressionante, além de tocarem os instrumentos básicos e cantarem com muita eficiência.

Há que se elogiar a coragem do grupo, de misturar uma espécie de chiclete com banana, trazendo uma história que adaptam à realidade do Nordeste, sem fazer qualquer outra narrativa.

SERVIÇO

JULIETA MAIS ROMEU

Pátio das Tamarineiras - Sesc Tijuca (Rua Barão de Mesquita, 539)

Até 31/3, de quinta a sábado (19h) e domingo (18h)

Ingressos: R\$ 30, R\$ 15 (meia), R\$ 7,50 (associado Sesc) e grátis (PCG)

NA RIBALTA

POR CLÁUDIA CHAVES

Renato Michelsohn/Divulgação



Alerta para o Alzheimer

“A Maça” é uma experiência dramaturgic inusitada criada e conduzida por William Seven, um dos mágicos mais prestigiados do mundo. A princípio um ato de magia com recursos do teatro, com efeitos de ilusionismo, a encenação traz as vivências de um velho artista que sofre de Alzheimer. Além de encantar, o espetáculo aborda a demência sob um ponto de vista original, o do paciente. No drama, o senhor Nicolau Souberdes apresenta de forma comovente suas vivências diante da doença. Inédito no Rio, está até domingo, no Mezanino do Sesc Copacabana.

Páscoa com palhaçada

A Eslipe - Escola Livre de Palhaço encerra seu segundo módulo, dias 30 e 31/03, às 17h, no Largo do Machado. No sábado, haverá a apresentação de uma obra inédita criada pelos alunos. No domingo, é a vez dos espetáculos “Cantigas para todo o dia”, criação do ator, palhaço e compositor Jessé Cabral que reúne circo, teatro e música, e “Bem-vindo”, com o palhaço Café Pequeno (Richard Riguetti, foto) numa trama sobre a saga de um palhaço e seu filho para chegarem a um lugar desconhecido.

Divulgação



Divulgação



Fellini vai ao teatro

Marcia do Valle, atriz, diretora e produtora, chega ao Cine Joia com “Uma Peça para Fellini” em co-direção com o cineasta Cavi Borges. Em tom bem-humorado, a peça acontece através do olhar da faxineira Giuvaneide no primoroso texto do dramaturgo Joaquim Vicente. Ela fala de sua transformação de vida, ao conhecer a história do cineasta italiano Federico Fellini, quando logo se apaixona por ele e seus filmes. A música original de Leonardo Miranda e a iluminação cenográfica de Djalma Amaral dão ao espetáculo o clima de emoção dos tempos áureos do cinema.

Por Rodrigo Fonseca
Especial para o
Correio da Manhã

Logo que se digita o nome do ganhador do Oscar de Melhor Direção de 2024 no buscador da Amazon, “Christopher Nolan: The Iconic Filmmaker and His Work”, de Ian Nathan, lançado em 2022 pela White Lion Publishing, é o primeiro dos muitos (mas são muitos mesmo) livros sobre o realizador de “Oppenheimer”.

Aliás, até o roteiro oficial do blockbuster ganhador de sete estatuetas da Academia de Hollywood se encontra à venda no www.amazon.com.br - a autoria é do cineasta. Inclua nesse cardápio “The Nolan Variations: The Movies, Mysteries, and Marvels of Christopher Nolan”, uma pataca de 400 páginas editada pela Knopf Publishing Group, sob a autoria de Tom Shone. É uma prova de que o mercado editorial quer saber mais sobre o artista que desafiou convenções do cinemão transformando episódios da História (vide a batalha de Dunkirk, na II Guerra Mundial, e a construção da bomba atômica pelo físico J. Robert Oppenheimer) em espetáculos rentabilíssimo e esteticamente ousados. Essa dimensão espetacularosa dele se estende a sci-fis (como “Inception” e “Interestelar”, sua obra-prima), thrillers (“Tenet”, “Amnésia”) e adaptações de HQs (“Batman – O Cavaleiro das Trevas”).

Em 2018, logo que “Dunkirk”, uma produção de US\$ 100 milhões, tornou-se uma campeã de bilheteria, com um faturamento de US\$ 530 milhões, a editora Cátedra, da Espanha, editou “Christopher Nolan”, em seu selo Signo e Imagen, sob a autoria de José Arad. Já na França, o legado que ele vem criando desde seu primeiro longa-metragem, “Following” (produção de 1998 hoje acessível na plataforma MUBI), inspirou as páginas de “Les Théorèmes de L’Illusion”, de Guillaume Labrude, e “La Possibilité d’un Monde”, de Timothée Gérardin.

Já no Brasil, o cineasta, video-



Fotos Divulgação

Nolan nas alturas... e nas livrarias

Editoras das mais variadas línguas apostam em livros de ensaios sobre o oscarizado diretor de ‘Oppenheimer’, hoje cotado para redesenhar a franquia James Bond



Universal Pictures

Nolan com Cillian Murphy no set de ‘Oppenheimer’: diretor inspira mercado editorial

maker e produtor musical Pablo Savalla entrou para esse rol de investigações com o precioso “O Poder Esmagador do Cinema – Christopher Nolan e a Tecnologia Imax”, editado pela Cinco Gatas. Em suas páginas, num minucioso estudo sobre a depuração imagética do audiovisual a partir de tecnologias de captação de movimentos e de projeção, ele aborda títulos pouco citados do realizador, como “O Grande Truque” (2006), com Hugh Jackman, Scarlet Johansson,

Christian Bale e David Bowie.

“Christopher Nolan possui um jeito muito único de escrever e fazer seus filmes”, diz Savalla. “Ele é um autor e faz cinema de autor. E assim como outros diretores que seguem essa linha de cinema autoral, acaba dividindo a crítica. Por mais que ele faça grandes blockbusters, é inegável dizer que ele tem um estilo próprio e isso acaba dividindo opiniões e gerando infelizmente até preconceito com sua obra. Para qualquer admirador de Nolan, dia

10 de março de 2024, foi um dia histórico. Com uma filmografia invejável e inegavelmente brilhante, Nolan até então, não tinha levado um Oscar para casa. Tendo apenas sido indicado uma única vez na categoria direção, em ‘Dunkirk’. ‘Oppenheimer’ veio consagrar tardiamente seu total domínio e maestria ao contar uma história visualmente, pois há anos, ele já possuía o respeito entre seus colegas de profissão. Nolan, com ou sem Oscar, mantém-se entre os diretores

mais rentáveis de Hollywood e seus filmes são sinônimo de sucesso e qualidade”.

Disponível no streaming MAX (ex-HBO), “Tenet” é considerado por muitos o maior enigma do corpus criativo de Nolan, em sua forma de abordar o Tempo num estudo sobre antimatéria. A sequência inicial é um deslumbre, mas muita gente jura não ter entendido a proposta trazida pelo longa, que foi lançado assim que o primeiro lockdown decorrente da covid-19, em 2020, arrefeceu. Savalla traz um olhar refrescante para o debate em torno do filme.

“Por mais que em ‘Tenet’ a bilheteria tenha ficado a desejar (por conta de seu lançamento em plena pandemia), a IMAX há anos se tornou sinônimo de qualidade e imersão dentro de Hollywood. Já está mais do que consagrado a sua importância qualitativa dentro do meio e inclusive atrativa de público. Por ter sido pioneiro em mesclar o cinema hollywoodiano e a IMAX, Nolan foi o principal diretor que popularizou a tecnologia. Cada vez mais são lançados filmes em salas IMAX e cada vez mais é filmado em IMAX. ‘Oppenheimer’ comprova o sucesso estrondoso e inegável dos benefícios de saber usar a tecnologia IMAX a seu favor”, diz Savalla, um tanto descrente acerca do “sim” que seu objeto de estudo possa dar a família Broccoli, a detentora dos direitos de produção da saga “007” para pilotar o novo James Bond.

Tudo indica a escolha do britânico Aaron Taylor-Johnson como substituto de Daniel Craig. Mas Zavalla duvida de que Nolan aceite dirigir a próxima aventura do espião, apesar do forte apelo da produtora Barbara Broccoli para tê-lo no projeto, depois que “Oppenheimer” faturou US\$ 960,7 milhões mundo adentro.

“Não consigo visualizar Nolan preso novamente a uma franquia e seus moldes. Só vejo ele neste cenário, se derem carta branca para ele fazer o que ele bem quiser com 007”, diz Savalla. “Não sei se os donos dos direitos de James Bond

CINE SESC

ABRIL: ENTRE FLORESTAS

O Sesc RJ convoca o olhar do público para pensar em como o cinema também pode somar no debate ambiental e contribuir com a discussão a respeito da valorização, da luta e da visibilidade dos povos originários.

DE 1º A 30 DE ABRIL



10

A FEBRE

Direção de Maya Da-Rin. Brasil. 2020. 98 min. Ficção.

Justino, um indígena Desana de 45 anos, vive com sua filha Vanessa em uma casa modesta na periferia, quando a jovem é aprovada para estudar medicina em Brasília.



16

A INVENÇÃO DO OUTRO

Direção de Bruno Jorge. Brasil. 2022. 144 min. Documentário.

Em 2019, a Funai realizou a maior expedição das últimas décadas na Amazônia para tentar estabelecer o primeiro contato com indígenas Korubos em estado de vulnerabilidade.



14

A ÚLTIMA FLORESTA

Direção de Luiz Bolognesi. Brasil. 2021. 74 min. Documentário.

Em um grupo Yanomani Isolado na Amazônia, o xamã Davi Kopenawa Yanomani tenta manter vivos os espíritos da floresta e as tradições. Ehuana, que vê seu marido desaparecer, tenta entender o que aconteceu em seus sonhos.



18

UÝRA - A RETOMADA DA FLORESTA

Direção de Juliana Curti. Brasil. 2022. 70 min. Documentário.

A artista indígena Uýra viaja pela floresta amazônica em uma jornada de autodescoberta para ensinar jovens indígenas e ribeirinhos que eles são os guardiões das mensagens ancestrais da floresta.

Entrada gratuita.

Consulte a Unidade Sesc mais

próxima e participe das sessões.

Programação sujeita a alteração sem aviso prévio.

Confira a
programação
completa das
unidades.



Sesc

Paulo-Roberto Andel

Oh, Susanna...

Um dos grandes baratos na internet é justamente você conseguir rever pessoas e personalidades que estão sumidas da mídia há certo tempo, gente que você não viu nem ouviu mais. Por exemplo, um dia desses eu estava passeando pelo Instagram quando me deparei com ninguém menos do que a Susanna Hoffs. Belíssima, sessentona, cantando e postando fotos de seu cotidiano, respondendo aos fãs com toda educação e simpatia.

Naturalmente alguém vai perguntar quem é Susanna Hoffs, por motivo justo. Os olhos e ouvidos mais atentos dos anos 1980 vão responder: era a cantora das Bangles, banda de pop que nem era lá essas coisas todas, mas que fez um sucesso enorme para canção "Walk like an egyptian". E, claro, o grupo tinha quatro integrantes gatas que deixavam os adolescentes em puro êxtase - e Susanna era a referência.

Outro caso: no Facebook, você pode seguir a página de Ferrugem, que não é o sambista tricolor, mas sim o mitológico ator mirim que dominou a TV brasileira nos anos 1970 e 1980. Ferrugem ainda continua em plena atividade em rádio, podcasts etc, embora não esteja na TV aberta com regularidade.

Enquanto isso, a própria TV tem usado o expediente de resgatar artistas populares que, de alguma forma, já não têm a mesma visibilidade de outrora. É o caso de Serginho Groisman. O apresentador tem investido em programas temáticos nas noites de sábado. A turma da Jovem Guarda, os veteranos do sertanejo, o pessoal da música romântica em inglês. Sábado passado mes-

mo rolou de Perla a Ednardo, passando por Márcio Greyck, Tony Tornado e Adriana. Silvio Brito incendiou a galera ao vivo e o próprio Tony, aos inacreditáveis 94 anos, fez uma apresentação emocionante de "BR-3", o clássico que o consagrou instantaneamente no V Festival Internacional da Canção de 1970.

Quando a gente revê essa turma viva e ativa, um pensamento é inevitável: temos um exército de grandes artistas que não somente precisam ser redescobertos, como também têm pressa porque a ampulheta tem cada vez menos areia desabando. Já escrevi o mesmo aqui sobre o rock internacional. São muitos os septuagenários e octogenários ainda em atividade. Ao mesmo tempo que é maravilhoso ter tanta gente boa, todos sabemos que daqui a algum tempo vai ter uma grande revoada, por que o tempo não para e é inevitável.

Outra coisa também faz pensar: continuidade. Quem está fazendo a nova grande música popular brasileira? Deve ter muita gente boa nos porões da internet que nunca vimos ou ouvimos falar. Os tempos mudaram, você já não tem mais os grandes festivais, nem a grande consagração popular, o rádio é diferente. Assim, é certo que a nova música brasileira não terá ídolos do mesmo tamanho que ainda temos. Lá fora basta dizer que, nos grandes festivais de rock pelo mundo, quem ainda dá as cartas são as bandas veteranas, chamadas de "rock clássico", com seus integrantes geralmente acima dos 70 anos.

Tudo bem. Sem lamentações. Vamos aproveitar. Que seja eterno enquanto dure. Susanna Hoffs ainda é muito gata.

CRÍTICA / LIVRO / TRILOGIA DE COPENHAGEN

A classe trabalhadora chega à poesia

Por **Olga de Mello**
Especial para o Correio da Manhã

Ah, o século XX. Aquela perene sensação de incômodo por viver em ambientes acanhados compartilhados por pais e filhos, alimentar-se apenas para sobreviver, disputar trabalhos extenuantes - e escassos -, enfrentar um cotidiano de violência como prática difundida entre famílias. Tais elementos, constantes na literatura europeia produzida por mulheres no século XX, trazem à luz uma opressão bem recente em países que hoje estão à frente das conquistas sociais e profissionais. A inadequação, presente na Tetralogia Napolitana, da italiana Elena Ferrante, que cobre um período de 60 anos, iniciado na década de 1950, e nos livros de autoficção da francesa Annie Ernaux, prêmio Nobel de Literatura de 2022, já era experimentada pela dinamarquesa Tove Ditlevsen (1917-1976) nos três volumes reunidos na Trilogia de Copenhaga (Companhia das Letras, R\$ 71,91) — publicados entre 1960 e 1970.

O reconhecimento literário de Tove Ditlevsen, estrondoso em seu país, porém mais discreto mundo afora, foi retomado há cerca de cinco anos, quando novas traduções e edições de sua obra surgiram na Europa. Ditlevsen começou a publicar mal passando da adolescência e teve livros recomendados pelo sistema nacional de Educação da Dinamarca, notadamente pelo estilo vibrante e lírico que impregnou seus títulos de memórias, entre eles Infância, Juventude e Dependência, nos quais conta sua trajetória de criança à vida adulta.

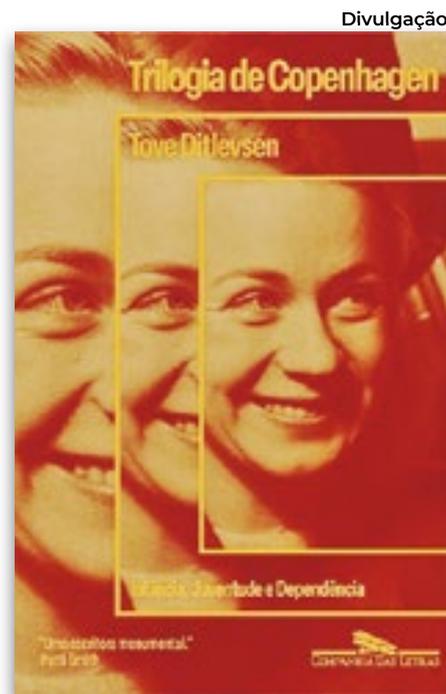
A atual voga de autoficção feminina trouxe Ditlevsen ao Brasil. Como Annie Ernaux e a personagem Lenu, alter ego de Elena Ferrante (pseudônimo que seria, dizem, da tradutora Anita Raja ou de seu marido, o escritor Domenico Starnone), a jovem Tove só pode ascender da classe trabalhadora através da literatura que produziu. O amor pela leitura vem do pai, sindicalista politizado que sustenta a família

com subempregos diversos. Adolescentes, ela e o irmão começar a trabalhar. o secundário. A política de bem-estar social ainda engatinhava no pós-guerra, impedindo jovens de almejar profissões ligadas ao intelecto. Enquanto o irmão contraía doença pulmonar como pintor de carros, Tove faz faxina, cuida de crianças, exerce funções diversas em lojas e escritórios - calando sobre os abusos sexuais cometidos contra ela por alguns empregadores. É o irmão que a incentiva a persistir na poesia, que o pai não considera adequada como ocupação de uma mocinha.

A agressividade estruturava a dinâmica da família e de uma época de raras demonstrações de carinho entre parentes, amigos e até namorados, mas o fascínio da menina pela mãe, ao longo da vida, é expresso desde as primeiras linhas que descrevem o encanto filial pela figura materna: "Pela manhã havia esperança. Ela se assentava como um reflexo esquivo de luz no cabelo preto e macio de minha mãe, que eu nunca ousava tocar, e se depositava em minha língua com o açúcar do

mingau que eu ia comendo devagar (...). Minha mãe estava sozinha, mesmo comigo ali, e se eu ficasse completamente imóvel e não dissesse nada, a paz distante em seu coração imponderável poderiam perdurar até a manhã ficar velha (...)."

A insegurança da juventude evolui para a angústia é sua companheira permanente. O último livro da Trilogia descreve sua dependência química, que se solidifica no terceiro casamento com um médico que lhe receita opioides. O título original "Gift" significa tanto "casada" quanto "veneno", em dinamarquês, abrangendo, talvez, o turbilhão que redundou em sua morte por ingestão de medicamentos. Prevenida, três anos antes de morrer, deixou pronto seu próprio obituário, em terceira pessoa. Ao destacar a importância de suas memórias, ela credita a esses registros, com ironia, sua própria solidão: "Infelizmente, seus contemporâneos não apreciaram sua honestidade, o que acabou fazendo que nenhum homem ousasse conversar com ela na rua, por medo de aparecer em seu próximo volume".



Divulgação

ENTREVISTA / ANA MARIA MAGALHÃES, ATRIZ E DIRETORA

Itaú Cultural

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Quem sintonizar no Canal Brasil neste sábado (30), a partir das 17h30, vai passar um fim de tarde dos bons com Ana Maria Magalhães numa retrospectiva de sua carreira como cineasta. “O Bebê” (1987) é o título de arranque dessa maratona na TV, que termina com “Já Que Ninguém Me Tira Para Dançar” (2021). A seleção de filmes escolhidos celebra as cinco décadas de dedicação da atriz e montadora ao ofício de realizadora.

Documentarista de arguta precisão técnica no tratamento dos registros do real, como já comprovava em seu “Reidy, A Construção da Utopia” (2009), a estrela de filmes seminais como “A Idade da Terra” (1980) ganhou fama internacional ao encarnar a indígena Seboipepe em “Como Era Gostoso o Meu Francês”, de Nelson Pereira dos Santos, há 53 anos. Primeiro o filme arrebatou plateias na Quinzena dos Realizadores de Cannes e, depois, foi à briga pelo Urso de Ouro de Berlim. As experiências que adquiriu com grandes mestres da direção alimentaram seu olhar de cineasta.

“Minha formação de diretora começou pela edição. Fiz estágio com o Nelson e fui assistente de Mario Carneiro e depois de Gustavo Dahl. Acho que desse caldeirão criei uma forma de montar fora dos cânones”, diz Ana Maria ao Correio da Manhã, com quem ela conversou para tratar da mirada política de sua obra.

Qual é a sua busca consciente - estética e politicamente - no seu legado como realizadora? O que esse seu cinema tangencia da realidade brasileira, sobretudo numa contextualização da força feminina?

Ana Maria Magalhães: Sempre busquei temas que me tocam particularmente. Para ficar nos filmes que serão exibidos na maratona: a criação feminina no audiovisual em meu primeiro filme, “Mulheres de Cinema”; a arte visceral que se mistura à vida - no caso, a poesia - em “Assaltaram a Gramática”; a misteriosa comunicação entre a mãe e sua cria, ou seja, a maternidade em “O Bebê”; as crianças pobres e seu futuro numa comunidade forte culturalmente como em “Mangueira em 2 Tempos”, sobre o poder da arte - no caso, a musicalidade - como meio de expressão, cura e subsistência. Tenho ainda um filme sobre a amizade entre Leila Diniz e eu, falando da trajetória da atriz e de sua revolução pessoal em plena ditadura. “Já que ninguém me tira



‘Minha narrativa é delicada’

para dançar” não perde de vista o feminismo espontâneo da nossa geração, encarnada por Leila, que, sem alarde, na prática, mudou os costumes e avançou na igualdade - entre nós e eles - sem perder jamais a ternura e a independência. Todos de alguma forma são filmes políticos, que propõem pensar sobre o tempo em que vivemos. Esteticamente a minha narrativa é delicada e aproveita as artes que o cinema oferece buscando beleza nos cenários, enquadramentos e sons. Quase todos os meus filmes têm trilha musical e canções originais (“Assaltaram a Gramática”, “Mangueira” e o “Já Que...”). Noutro dia ouvi “Assaltaram a Gramática” em duas estações de rádio diferentes e fiquei super feliz. O filme é de 1984. Minha formação é de montadora. É

aí que aparece melhor o meu estilo.

Que cenário havia no Brasil quando você estreia na direção e de que forma aquele esqueleto no armário inerente à ditadura pesava nos horizontes artísticos de quem estreava na direção de longas?

Estreei na direção de um média-metragem, “Mulheres de Cinema”, em plena ditadura. O projeto é de 1974, o final do governo Médici. Uma dureza! Fazia-se muita pornografia. Tentei descobrir qual era o lugar das atrizes - e o meu - no cinema brasileiro realizando “Mulheres de Cinema”.

Você trabalhou há 15 anos com Manoel de Oliveira em seu “O Estranho Caso

de Angélica”. De que maneira a sua experiência ampla como atriz serve de norte a seu trabalho como diretora?

É uma via de mão dupla. O trabalho como atriz orienta o da diretora e vice-versa. Com diretores como Nelson Pereira dos Santos, Glauber Rocha e Manoel de Oliveira, que considero mestres, sempre há o que aprender e como contribuir. Glauber e Manoel me pediram coisas inusitadas que eu não apenas fiz como aperfeiçoei o que pediram. Depois que vi os dois filmes nas telas entendi o porquê. Nelson me instruiu sobre montagem e a filmar sem jamais se deixar levar pelas dificuldades, porque há sempre solução para os problemas. Sobretudo ele deixou plantada a semente do prazer de filmar.

O que você planeja como realização para os próximos meses? Que filmes seus estão por vir?

Planejo realizar um de longa ficção e talvez uma série. Mas antes devo terminar um projeto de escrita.

“Nelson me instruiu sobre montagem e a filmar sem jamais se deixar levar pelas dificuldades”

Ana Maria Magalhães

SHOWS**EDU LOBO**

*Acompanhado por Cristovão Bastos, Mauro Senise, Jorge Helder e Jurim Moreira, o cantor e compositor apresenta canções do seu recente álbum "Oitenta", além de diversos clássicos de sua autoria. Sex e sáb (29 e 30), às 21h, no Soberano (Estrada União e Indústria, 11.000 – Shopping Estação Itaipava, Petrópolis)

META GOLOVA

*A Sexta Santa (29) será de extremos e opostos na Audio Rebel (Rua Visconde de Silva, 55 - Botafogo) Meta Golova (SP) e o rapper Jeza da Pedra (RJ). Às 21h. Ingressos a partir de R\$ 35

ROCK SESSIONS

*Raphaella Souza convida Clarissa Chaves em projeto que relembra o repertório do pop rock das décadas 1980 e 1990. 30/9, às 21h, no Espaço 09 (Rua Farne de Amoedo, 43, Ipanema)

HUMOR**MADE IN BRASIL**

*Suzy Brasil estreia seu novo stand up comedy no Teatro dos Grandes Atores (Av. das Américas, 3555 - Barra da Tijuca). A comediante relembra divertidas histórias dos seus mais de 25 anos de vida artística. Até 31/3. Sáb (21h) e dom (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia)

COMÉDIA SEM LEI

*Depois de 1 ano em Copacabana, o CSL ganha nova casa sob o comando de Marcio Mello. Rio Retro Comedy Club (Av. Ayrton Senna, 5500 - Bloco 10, Loja 108 - Shopping Uptown Barra). Até 31/3. Sáb (21h) e dom (19h). R\$ 80 e R\$ 40 (meia).

DOUGLAS DI LIMA - VIDA DE CRENTE

*Com um humor leve e inteligente, Di Lima aborda as diferenças entre as igrejas tradicionais e as mais modernas, destacando as situações engraçadas que acontecem dentro desses ambientes. Teatro Miguel Falabella Norte Shopping (Av. Dom Hélder Câmara, 5474). R\$ 90 e R\$ 45 (meia). Até 2/5.

DANÇA**22:22**

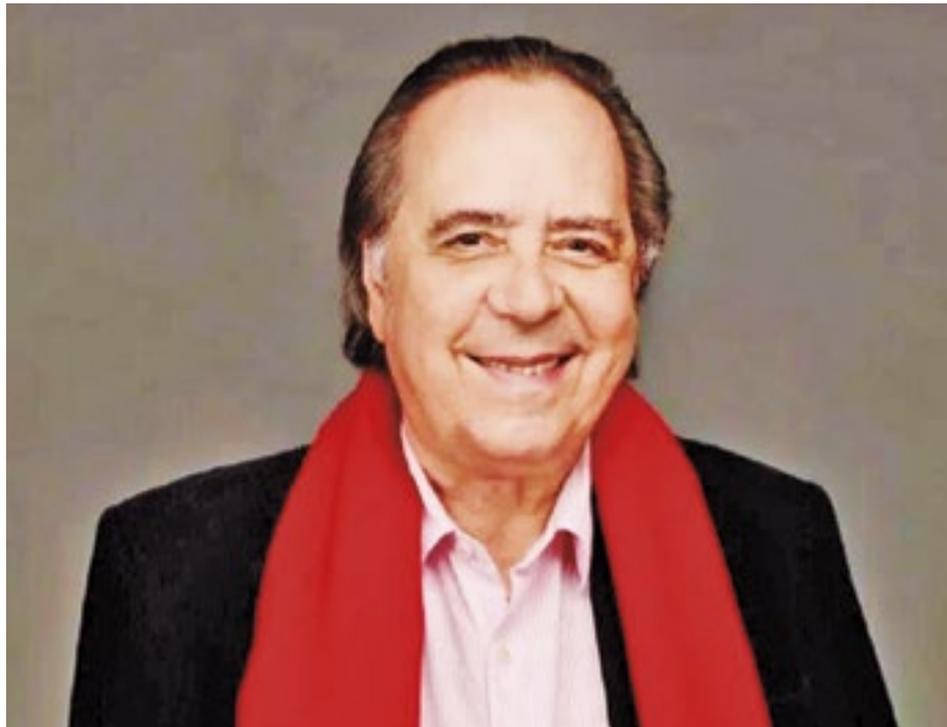
*Bruno Cezario espetáculo solo em que cria uma narrativa a partir de uma playlist pop buscando dançar o que a música lhe

Um Rio de opções de lazer

Confira atrações culturais em todas as regiões da cidade

SUGESTÕES PARA SEXTOU@CORREIODAMANHA.NET.BR

Divulgação



Edu Lobo

pede, com total liberdade de expressão física e cênica. Sáb (30), às 20h, e dom (31), às 19h, no Espaço Tápias (Rua Armando Lombardi, 175 - Barra da Tijuca). R\$ 40 e R\$ 20 (meia).

TEATRO**DIAS FELIZES**

*Dirigido por Cesar Ribeiro, o texto de Samuel Beckett traz a história de uma mulher de 50 anos que dialoga de modo otimista sobre um passado glorioso e a esperança de dias melhores. Até 7/4 no Teatro Nelson Rodrigues (Av. República do Paraguai, 230 – Centro), de qui a sáb (19h) e domingo (18h). Plateia: R\$ 40 e R\$ 20 (meia) | balcão: R\$ 30 e | R\$ 15 (meia)

GÊNERO LIVRE

*O monólogo escrito por Pedro Henrique Lopes, direção de Ernesto Piccolo e interpretado por Christiana Guinle segue em cartaz na Cidade das Artes (Av. das Américas, 5300 - Barra da Tijuca) até 31/3. Sáb (20h) e dom (19h). R\$ 50

KAFKA E A BONECA VIAJANTE

*O espetáculo retorna ao Rio após itinerância por diversas capitais. Teatro Clara Nunes (Rua Marquês de São Vicente - Loja 370, 53). Até 28/4

LOTTE ZWEIG - A MULHER SILENCIADA

*Em 1942, o escritor Stefan Zweig e sua esposa Charlotte foram encontrados mortos em seu bangalô. A causa apontada indicava suicídio duplo. Mas, 80 anos

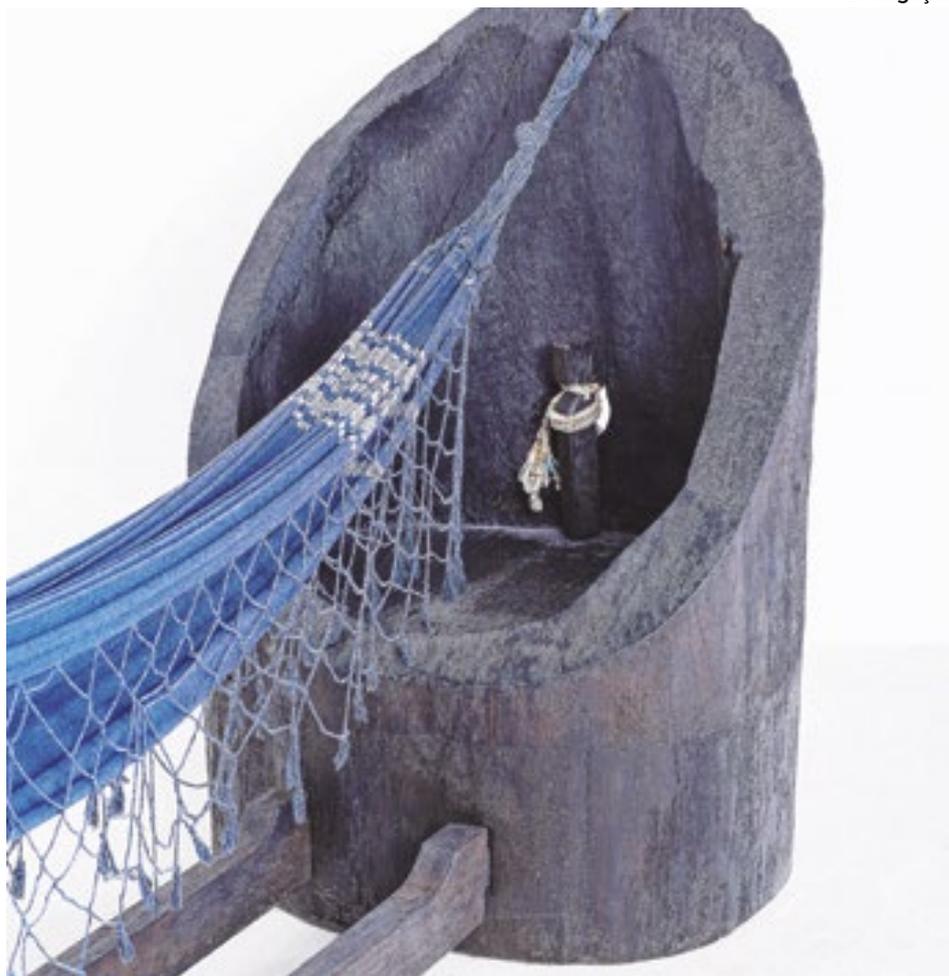


22:22

Vinicius Bertoli/Divulgação

**Luiz e Nazinha - Luiz Gonzaga para Crianças**

Divulgação

**Krajcber & Zanine**

depois, novos indícios, novas e persistentes dúvidas. Teatro Fashion Mall (Estr. da Gávea, 899 - São Conrado). Até 28/4.

TRILOGIA GRANDE SERTÃO: VEREDAS

✳️Recortes da obra prima "Grande Sertão: Veredas" de João Guimarães Rosa. Encenará as duas primeiras peças da trilogia,

"Riobaldo" aos sábados e "O Diabo na Rua, no Meio do Redemunho" aos domingos. Museu da República (Rua do Catete, 153). Sáb e dom (19h30). Até 31/3

UM FILME ARGENTINO

✳️As complexidades e reviravoltas da vida de um casal, enquanto utiliza uma aborda-

Bob Sousa/Divulgação

**Dias Felizes**

gem cômica para destacar as diferentes facetas dos relacionamentos. Teatro Adolph Bloch (Rua do Russel, 804). Qui a sáb (20h) e dom (18h). Até 21/4

EXPOSIÇÃO**KRAJCBERG & ZANINE**

✳️Exposição inédita reúne trabalhos do artista polonês Frans Krajcberg e do arquiteto Zanine Caldas, pioneiros da luta ambiental, que tem como matéria-prima madeiras oriundas de desmatamento. Galeria Athena (Rua Estácio Coimbra, 50 - Botafogo). Até 18/5. De ter a sex (11h às 19h). Sáb (12h às 17h). Grátis

ÀWÚRE

✳️O artista plástico Caio Truci apresenta a exposição "Àwúre", retratando os orixás de diversas maneiras. Até 20/4 no Centro Cultural Correios RJ (Rua Visconde de Itaboraí, 20 - Centro), de ter a sáb (12h às 19h). Grátis

PAISAGEM DE UM MUNDO PARTIDO

✳️A artista Gloria Seddon transporta o espectador a um mundo de sensações e percepções palpáveis e de sentimentos de angústia e impotência, mas também de esperança. Galeria Antonio Berni (Praia de Botafogo, 228 - sobreloja). Até 19/4, de seg a sex (10h às 17h). Grátis

TECIDO URBANO

✳️Em cartaz no Sesc São João de Meriti (Av. Automóvel Clube, 66 - Centro), a exposição resgata o imaginário cultural dos subúrbios e periferias do Rio, com obras de 19

artistas independentes e curadoria de Raimundo Rodriguez. Até 26/5. Ter a sáb (9h às 17h). Grátis

AVA ART FESTIVAL

✳️O papel e a arte japonesa são os temas da exposição que começa no Rio, segue para Varkaus (Finlândia) e termina em Osaka (Japão). Os artistas apresentam obras de intensidades, cores e estilos diversos. Ava Galleria (Rua Orestes, 28 - 2º andar - Fábrica Bhering). Até 14/4, de qua a sáb (11h às 17h)

INFANTIL**LUIZ E NAZINHA - LUIZ GONZAGA PARA CRIANÇAS**

✳️Fábula musical baseada na vida do Rei do Baião encerra temporada na Cidade das Artes (Av. das Américas, 5300 - Barra da Tijuca), com sessões no sábado e domingo (30 e 31), às 16h. Plateia: R\$ 60 e R\$ 30 (meia), frisas: R\$ 40 e R\$ 20 (meia), camarote: R\$ 30 e R\$ 15 (meia).

A BELA E A FERA

✳️Musical inspirado na história clássica. Até 31/3. Sáb e dom (17h). Teatro Miguel Falabella (Norte Shopping - Av. Dom Hélder Câmara, 5474)

CARIOQUINHAS

✳️A história do Rio para crianças, do descobrimento aos dias atuais. Até 28/4, sáb e dom (16h) no Teatro dos 4 (Rua Marquês de São Vicente, 52 - Gávea). R\$ 90 e R\$ 45 (meia)

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

É com empolgação que o maior mestre do terror da Itália, filho da fotógrafa brasileira Elda Luxardo, recebe a notícia de que “Phenomena” (1985), um dos xodós de sua obra, terá uma exibição no Rio de Janeiro nesta Sexta-Feira da Paixão: a madrugada cinéfila do Estação NET Botafogo é de Dario Argento.

“Esse é o meu filme que mais conversa com a juventude, o que me dá muito orgulho, pois eu tive momentos muito felizes no trabalho com sua protagonista, uma Jennifer Connelly ainda menina, que já demonstrava imensa maturidade no set. Ganhou um Oscar anos depois, por méritos próprios. Eu me alegro que o Rio, onde tenho sobrinhos e primos, possa contemplar a ideia de cinema de horror que construí ao longo dos anos, sob um olhar da psicanálise”, diz Argento em entrevista por telefone com o Correio da Manhã, de Roma.

Seu currículo é cravejado de sucessos (e cults), como “Um Vulto na Escuridão” (1998); “Terror na Ópera” (1987); “Tenebre” (1982); “Suspiria” (1977); e “O Pássaro das Plumagens de Cristal” (1970), que o Estação NET Rio vai exibir no dia 6, na Maratona do Pijama.

“Suspeito de que minha filmografia sempre se debruçou sobre forças que invadem vidas alheias, rompendo uma lógica de sanidade e gerando perigo”, diz Argento.

Rodado em Zurique e outras cidades suíças, sob um orçamento de US\$ 3,8 milhões, o tenso “Phenomena” passa esta noite, às 23h59, na sessão de Clássicos à Meia-Noite do Estação. Na trama, Jennifer Corvino (papel de Connelly) é capaz de se comunicar com insetos e usa seus dons sobre-humanos para ajudar o inspetor Geiger (Patrick Bauchau) e seu aliado da Ciência, o entomologista Professor John McGregor (o brilhante Donald Pleasence), a caçar um assassino feminicida. Os códigos narrativos usados por Argento na trama correspondem à gramática do “giallo”, um filão do horror à italiano, cheio



Em ‘Phenomena’, Jennifer Connelly é uma paranormal que conversa com insetos

Thriller banhado em prata

Sessão da 0h no Estação resgata ‘Phenomena’, cult fantástico de Dario Argento, o papa do terror italiano, mestre do filão ‘giallo’, que regressa à direção com filme noir



Donald Pleasence recebe instruções de Dario Argento no set de filmagens

de excessos (de luxo, em sua direção de arte, e de sangue), do qual o cineasta de 83 anos é o artesão maior.

“Terror é escavar as catacumbas da alma. O sobrenatural é o subter-

râneo, é o que vive oculto em nós”, disse Argento, que trabalhou com Bernardo Bertolucci (1941-2018), no fim dos anos 1960, na escrita do roteiro de “Era Uma Vez No Oes-

te” (1968), de Sergio Leone (1929-1989). “É curioso notar que as novas gerações ainda se mobilizam pela minha artesanaria e pelas figuras femininas que filmei, sempre bus-

cando dar voz às mulheres”.

Pai da atriz e cineasta Asia Argento, o veterano realizador lançou seu filme mais recente, o suspense “Olhos Negros”, na Berlinale de 2022. “A pandemia foi o acontecimento que mais me assombrou nos últimos anos e eu tive que atrasar essas filmagens por conta do que acontecia com Roma em meio ao fantasma da covid-19. Sou um homem octogenário que se via recluso em casa, com a ameaça de uma doença que ceifava primeiramente vidas já anciãs. Aquilo é que é medo”, lembrou Argento, que já está selecionando elenco para o novo longa-metragem que promete rodar nos próximos meses.

A França agora é seu foco. Mas não se trata de uma trama aterrorizante, mas, sim, um policial. “Vai ser um noir, como os polars franceses. Países como a Coreia do Sul têm feito incursões interessantes a esse formato de gênero. O México também tem estado nesse filão. Esses dois territórios têm dado a essa tradição cinematográfica um tom dramático que me interessa e que desperta o interesse de diretores como Guillermo Del Toro. Ele é um dos nomes que se exercitaram nessa via”, diz Argento. “Ainda não tenho um título, mas tenho uma história e estou já fechando meu elenco”.

CRÍTICA / FILME / A MATRIARCA



De arma em punho, Ruth (Charlotte Rampling) ensina os jovens o que é ser durona

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

No rol de grandes atrizes em fase outonal que mais trabalham hoje entre Hollywood e o Velho Mundo, a inglesa Charlotte Rampling caminha para os 80 anos angariando, há cerca de uma década, um prestígio que faz justiça à farta experiência em seu currículo.

Concorreu ao Oscar, em 2016, por “45 Anos”, drama que lhe rendeu o Urso de Prata. No ano seguinte, recebeu a Copa Volpi do Festival de Veneza por sua interpretação em “Hannah”, um de seus hits. Teve ainda críticas calorosas a tecerem loas por seu trabalho em “A Matriarca”, que dá o ar de sua graça em nosso circuito nesta Semana Santa. É um dos longas-metragens que mais e melhor exploram um ferramental cênico que custou a ser reconhecido, apesar da associação de sua imagem a causas de equidade e empoderamento feminino.

Dona de uma mirada vítreia, a estrela britânica nascida em

Na teia de Charlotte

Essex completa seis décadas de carreira este ano, tendo feito sua primeira participação não creditada nas telas em “Os Reis do Iê-Iê-Iê” (1964), com os Beatles. Brillhou em “Os Deuses Malditos” (1969), de Luchino Visconti (1906-1976), mas foi ao lado de Sean Connery (1930-2020), em “Zardoz” (1974), que despontou como candidata a diva. No mesmo ano, protagonizou o polêmico (mas, essencial) “O Porteiro da Noite”, que garantiu à direita Liliana Cavani um status de realizadora autoral.

Nos anos seguintes, Charlotte saltitou entre papéis de quilates distintos, somando cerca de 130 títulos em sua jornada pelas telas, que foi coroada com

o Urso de Ouro Honorário da Berlinale, em 2019. Nunca negou o convite de franquias hollywoodianas, vide sua presença no sucesso “Duna – Parte II”, de Denis Villeneuve, hoje em cartaz. No entanto, são as pequenas produções, como “A Matriarca” (“Juniper” no original) que valorizam seu passe.

O roteiro e a direção são de Matthew J. Saville, um ator neozelandês, diretor de curtas, que faz sua estreia no timão dos longas com base numa trama de tons autobiográficos sobre sua relação com sua avó. A trama que ele filma vai por essa verve nostálgica. A tal “matriarca”, Ruth (Charlotte, infalível a cada plano), é uma ex-correspondente de guerra,

agora entediada na aposentadoria com um problema com bebida e uma perna recentemente fraturada. Sam (George Ferrier) é seu neto rebelde, recentemente expulso do internato e sofrendo com a morte de sua mãe. Quando os dois são reunidos sob o mesmo teto, eles formam um vínculo inesperado, o que acaba por reaproximar Ruth do filho com quem tem uma relação hostil: Robert, vivido por um áspero Marton Csokas.

Na direção de fotografia, Martyn Williams embrulha uma narrativa de acerto de contas com um louvável equilíbrio na temperatura das cores. A montagem de Peter Roberts também segue uma trilha equilibrada, só

derrapando no ritmo nos dez minutos finais, que são um tanto mal editados. Só falta temperança no comportamento da própria Ruth, o que garante cenas nas raías da ironia ao desempenho de Charlotte. A sequência em que ela convoca os colegas de Sam para uma limpeza coletiva em seu lar, coroando a arrumação com uma festança, é o apogeu da dramaturgia de Saville.

O diretor conversa de modo frontal com outros enredos de reconexões familiares de gerações distintas, como “Aprendendo com a Vovó” (2015), com Lily Tomlyn, e “Num Lago Dourado” (1981), com Jane Fonda e seu pai, Henry, em estonteantes interpretações. O diferencial aqui é a ausência de discursos moralizantes e a habilidade de Charlotte em filtrar qualquer resquício de sentimentalismo no qual o roteiro de Saville resvale, dando um tratamento econômico, contido, aos afetos em cena. Não se trata de um espetáculo para choro farto e incontinente e, sim, de um estudo sobre arrependimentos e convicções, no prisma da renúncia.

Por Pedro Sobreiro

Unidos contra uma ameaça comum

Em 'Godzilla e Kong', monstros lendários lutam em plena praia de Copacabana

O ano de 2024 marca o aniversário de 70 anos do Godzilla. Além disso, também são comemorados os dez anos do início do 'MonsterVerse', o universo compartilhado dos Kaiju's. Iniciada em 2014, com "Godzilla", essa série de filmes chega ao ápice com "Godzilla e Kong: O Novo Império", que está em cartaz.

Na trama, Kong voltou para a Terra Oca após derrotar o 'Mechagodzilla' no filme anterior, enquanto o Godzilla segue com sua vida na superfície, enfrentando os mais exóticos monstros gigantes que aparecem. Porém, os 'Kaiju's' mais icônicos da Cultura Pop vão deixar as rivalidades de lado quando uma ameaça comum aparece: o terrível King Skar. Dessa forma, eles precisarão unir suas forças para tentarem impedir a destruição mundial.

O longa é repleto de novidades, mas a que mais chama atenção é uma forte mudança no visual do Godzilla, que aparece ainda mais forte e com as carapaças exalando radiação rosa. Em entrevista ao GamesRadar, o diretor Adam Win-



Divulgação

Godzilla e Kong deixam rivalidade de lado e se unem para enfrentar o 'King Skar'

gard comentou que queria mesmo evoluir o Rei dos Monstros.

"Eu queria evoluir Godzilla

neste filme, porque permite fazer coisas novas. Mas com Kong, ele é essencialmente um gorila, então

não tem como mudar de forma drástica como o Godzilla. Mas o Kong está intrinsecamente asso-

ciado aos humanos em todos os filmes, que gostei da ideia de evoluí-lo com a tecnologia humana", explicou o diretor.

A evolução do Kong é ganhar uma luva mecânica que aumenta a potência dos golpes do monstro.

Mas, para os brasileiros, o que mais chamou atenção foi a presença do Cristo Redentor no pôster e no trailer. Sim, na nova aventura, os maiores monstros do cinema vão brigar na praia de Copacabana.

O diretor brincou com a situação comparou a sequência a outro blockbuster.

"Esse é o nosso momento de 'Velozes & Furiosos 5: Operação Rio', porque a franquia está se consolidando nos cinemas, e já somos capazes de dizer definitivamente 'o MonsterVerse é isso aqui'", explicou Adam.

Vale ressaltar também que um terceiro capítulo da saga ainda não foi aprovado pela Warner. No entanto, está nos planos do diretor. Ou seja, provavelmente dependerá do quanto o segundo filme arrecadará nas bilheterias do mundo.

"Godzilla e Kong: O Novo Império" está em cartaz nos cinemas.

CRÍTICA / GODZILLA E KONG: O NOVO IMPÉRIO

Frenético, 'G&K' é o filme mais divertido do ano

Em 2021, no auge da pandemia, "Godzilla vs Kong" se tornou um sucesso, levando um excelente público para as sessões do mundo. Na época, muitos brincaram que o filme "salvou o cinema", já que o mercado passava por uma crise gravíssima, levando em conta que as salas estavam fechadas em praticamente todo o planeta.

Agora, três anos depois, a dupla de monstros gigantes retorna aos cinemas para provar que conseguem divertir o público com pancadarias homéricas que destroem tudo e todos pela frente.

Em "Godzilla e Kong: O Novo Império", o público acompanha um mundo acostumado a ver cidades sendo constantemente destruídas por lutas de monstros. Enquanto o Godzilla segue em sua turnê mundial para derrotar outros Kaiju's,

Kong leva uma vida solitária na Terra Oca. No entanto, com a descoberta de novos primatas gigantes, o gorilão mais carismático das telonas embarca em uma jornada para impedir que esses vilões cheguem à superfície, onde querem destruir toda a civilização humana e remodelar a natureza para tomarem conta de tudo.

Para isso, ele vai contar com a ajuda do Godzilla, que absorveu uma quantidade sobrenatural de radiação e está passando por um processo evolutivo.

É interessante ver como Adam Wingard, o diretor do filme, optou

por conduzir a trama praticamente toda pela ótica dos monstros, inserindo os humanos na história única e exclusivamente para explicarem o que está acontecendo, já que os Kaiju's não falam.

É o filme da franquia que tem mais pancadaria entre titãs, explorando de maneira ridiculamente criativa as habilidades especiais de cada monstro. Nunca na história do cinema o Godzilla teve tanta mobilidade para nadar, correr, pular e socar. Já o Kong, que ganha uma manopla mecânica, segue com seus chutes e socos, mas consegue ficar ainda mais violento. E ele tam-

bém ganha o apoio de um divertido 'Mini Kong', que é simplesmente hilário. Um fenômeno!

E os vilões, que são Kaiju's lendários também são visualmente fascinantes. O 'King Skar' é praticamente um orangotango gigante com traços psicóticos. Sua principal arma é um chicote feito de ossos com um cristal na ponta. Ele usa essa ferramenta para controlar o Shimo, um monstro mítico colossal que foi responsável por trazer a Era do Gelo para o planeta Terra. Ou seja, são oponentes muito qualificados para esse embate épico.

Outro destaque é a viagem

mundial que o filme promove. Dessa vez, Roma, Cairo e Rio de Janeiro tiveram a honra de serem destruídas pelos monstros. Existe um certo 'divertimento culposos' em vez o Godzilla e o Kong destruindo pontos turísticos, e a direção explora isso ao máximo.

No entanto, há um ponto fraco, que é o elenco humano. Seus diálogos são essencialmente expositivos, com os personagens aparecendo ali apenas para explicar as cenas inteiras. Chega uma hora que dá uma cansada no público, apesar de ter momentos muito engraçados.

Enfim, apesar de ter esse problema com os humanos, "Godzilla e Kong: O Novo Império" empolga e arranca risadas nas quase duas horas do filme mais divertido do ano. É entretenimento da melhor qualidade. (P.S.)

Azevedo Lobo/Divulgação

Pop rock com fortes pitadas de dandê

Sensação da nova cena roqueira, o Maglore mostra as canções de 'V', seu mais novo trabalho autoral

Com passagens marcantes pelos palcos e festivais mais importantes de todo o Brasil, como o Lollapalooza (2015), o Primavera Sound (2022) e o Rock in Rio (2019) além de apresentações muito elogiadas em Nova York no Brazil Summer Festival (2019), a banda baiana Maglore tem 15 anos de estrada e seis álbuns lançados. Nesta sexta-feira (29),

às 20h, a banda se apresenta no Teatro Riachuelo na turnê de seu último trabalho de estúdio, o álbum "V".

A banda é conhecida por seu som solar, calcado no pop rock e influências da MPB, principalmente do movimento tropicalista do qual emergiram os também baianos Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Tom Zé.

Navegando por ambientes que atualizam tons de décadas



O Maglore investe no pop rock sem abrir mão da influência dos criadores do Tropicalismo

passadas, a Maglore chega a 2024, após cinco discos de inéditas em estúdio e um registro ao vivo, inquieta, ativa e renovada. O referencial diverso e caleidoscópico do trabalho mais recente, intitulado "V" e composto por 13 músicas, embala, em tons diurnos e noturnos, sóbrios e

festivos, baianos e mineiros, as manhãs ensolaradas de sábado e fins de tardes de domingo, rockers e profundamente conectados à música brasileira, em cordas e trio de metais, aquilo que se tornou o DNA da Maglore ao longo de quase 15 anos de existência. Originado em 2009 como quarteto em Salvador, baseado em São Paulo desde 2012 é formado, hoje, por Teago Oliveira (voz e guitarra), Lelo Brandão

(guitarra e teclado), Lucas Gonçalves (baixo e voz) e Felipe Dieder (bateria), o grupo lançou, em seus primeiros anos, os CDs independentes "Veroz" (2011) e "Vamos pra Rua" (2013).

SERVIÇO

MAGLORE

Teatro Riachuelo Rio (Rua do Passeio 38 – Centro)
29/3, às 20h
Ingressos entre R\$ 25 e R\$ 110

O Terno se veste de gala em noite no Circo

Trio paulista rompe hiato de quatro e volta ao Rio fechando turnê do último álbum

Por **Afonso Nunes**

De volta aos palcos após quatro anos, O Terno anuncia uma turnê de encerramento do seu último disco, "Atrás/Além" (2019), com show nesta sexta-feira (29), às 22h, no Circo Voador. Atendendo a uma legião de fãs saudosos, Tim Bernardes, Guilherme D'Almeida e Biel Basile resolveram sair em uma pequena turnê pra lavar a alma de quem clamava por uma reunião da banda, que viu o seu número

de admiradores aumentar de forma orgânica durante esse hiato — acompanhando o forte crescimento da carreira de Tim como cantor e compositor nos últimos anos.

O Terno surgiu na cena de indie rock paulistana em 2009. Na época, o trio fazia covers de bandas como Os Mutantes, Beatles e The Kinks e, pouco depois, já trabalhava com repertório próprio. Rapidamente, firmou-se como referências da nova música independente brasileira.



Pedro Maciel/Divulgação

Guilherme D'Almeida (baixo), Biel Basile (bateria) e Tim Bernardes (guitarra, vocal e piano) formam O Terno

Além de "Atrás/Além" - eleito um dos 25 melhores álbuns brasileiros do primeiro semestre de 2019 pela Associação Paulista de Críticos de Arte -, a banda lançou outros três álbuns: "66" (2012), "O Terno" (2014), "Melhor Do Que Parece" (2016) e o EP "Tic-Tac-Harmonium" (2013). Desde "66", o grupo acumula premiações e grande aceitação de crítica e público.

Junto com outras sete bandas (Charlie e os Marretas, Memórias de um Caramujo, Luiza Lian, Grand Bazaar, Mojo Workers, Noite Torta, Caio Falcão e um Bando), os integrantes d'O Terno criaram em 2014 o selo Risco, voltado à veiculação de seus trabalhos.

SERVIÇO

O TERNO

Circo Voador (Rua dos Arcos s/nº - Lapa) | 29/3, às 22h
Ingressos esgotados

Grandes encontros instrumentais na Lapa

Casa Tao Brasil recebe a partir de abril trio e duo de músicos virtuosos

A música instrumental é destaque absoluto na programação deste fim de semana na recém-aberta Casa Tao Brasil, na Lapa. Na sexta-feira (6/4), Robertinho Silva (percussão), Carlos Malta (sax e flauta) e Francisco Pellegrini (piano e acordeon) apresentam o projeto Tanajura, que reúne os músicos de três gerações distintas da música brasileira, provando como esse intercâmbio é benéfica e para a sociedade como um todo.

“Estamos juntando Robertinho, de 83 anos, 26 deles ao lado de Milton Nascimento, mas também de Chico Buarque, Tom Jobim, João Donato e tantos outros com o Francisco Pellegrini, de 33 anos, pianista e acordeonista fantástico, um arquiteto na concepção dos arranjos, segundo Egberto Gismonti”, explica Carlos Malta, que tocou anos ao lado de Hermeto Pascoal e Gilberto Gil.

No sábado será a vez do duo formado por Edgar Duvivier & Dami Andres, que está em turnê por São Paulo, Minas Gerais, pelo Sul do Brasil e este mês fará uma segunda temporada em países de Europa e Ásia. O saxofonista Edgar e o violonista Dami têm carreiras musicais de muito sucesso como intérpretes e compositores. Juntos desde 2018, eles formam uma dupla que transita

facilmente do clássico ao popular, do latino ao jazz, apresentando composições representativas da América Latina.

O show da dupla viaja no tempo e no espaço através de melodias e ritmos de origem argentina, brasileira e latino-americana, que fazem uma música incrivelmente rica, apreciada em todo o mundo. A dupla se vale do virtuosismo mostram arranjos surpreendentes para temas conhecidos desde Tom Jobim ao Astor Piazzolla, e também novas composições que certamente agradarão a todo o público.

“É uma alegria poder apresentar a Lapa com dois dias de música instrumental, oferecendo a cariocas e turistas uma outra opção de entretenimento com apresentações únicas de artistas que fazem sucesso no mundo todo”, diz Cláudio Mascarenhas, cantor lírico que inaugurou o espaço, ao lado da Escadaria Selarón, em outubro.



Divulgação

Carlos Malta, Robertinho Silva e Francisco Pellegrini formam o Tanajura

SERVIÇO

5/4, às 20h: Tanajura - Carlos Malta, Robertinho Silva e Francisco Pellegrini | **6/4, às 20h:** Edgard Duvivier & Dami Andres
Casa Tao Brasil (Rua Joaquim Silva, 77 - Lapa) Ingressos: R\$ 50

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES



Canções inéditas

Conhecidos nacionalmente por uma penca de sucessos, os integrantes do Roupas Novas se apresentam nesta sexta e sábado (29 e 30), a partir das 21h, no palco do Vivo Rio, em show da turnê que celebra os 40 anos da banda. De quebra, o grupo mostra as canções do recém-lançado “As Novas do Roupas”, álbum composto por 11 canções inéditas, que estão disponíveis nas principais plataformas digitais.



Nova turnê

Neste sábado (30) o rapper Major RD se apresenta no Circo Voador com o show de lançamento da turnê “Ascensão do Cisne Negro”, seu mais novo trabalho. O artista D tem um trajetória de quase 10 anos, pois aos 17 já frequentava batalhas de rap da Zona Oeste. De lá pra cá, fundou ao lado de parceiros o coletivo Brutang44, explodiu na cena em 2017, botou no mundo a gravadora Rock Danger por onde lançou seu primeiro disco, “Troféu”.



Dose dupla

Tem dose dupla de samba neste sábado (30) no Casarão do Firmino, no Centro. O grupo Arruda abre os trabalhos a partir das 18h, aquecendo os tambores para a principal atração do dia, o Fundo de Quintal. Berço de bambas como Jorge Aragão, Sombrinha, Almir Guineto, Arlindo Cruz e Ubirany, o grupo tem como trunfo uma sonoridade toda sua, a começar pela primeira batida do tantã, do repique de mão e do pandeiro.



Fotos Divulgação

Hermetiando

Artista de raro talento, a multi-instrumentista Carol Panesi tem como formação a música universal de Hermeto Pascoal, com quem já gravou e dividiu o palco várias vezes. Ela é a atração da noite deste sábado (30) no Blue Note Rio, em Copacabana. No repertório, além de canções de seu último álbum “Natureza é Casa”, a artista selecionou clássicos do mestre Hermeto como “São Jorge” e “Nas Quebradas”.

Com mais de trinta



O dia amanheceu com um certo ar de mistério, empoderado, maduro, lindo, absolutamente real. Bem capaz de ser uma forma de homenagear Honoré de Balzac. Amanheceu Pasqualizado entre brumas e pássaros.

Alvoreceu balzaquiano, um *Le Lys dans la vallée* orvalhado. Em busca, quem sabe, das *Illusions perdues*, ou, talvez, da *La Recherche de l'absolu*.

O fato é que, para homenageá-lo, a natureza, sutilmente, elegantemente, encantadoramente, tal qual *La Femme de trente ans*, pediu que viessem as fragatas em seu balé. Já não mais um ensaio, mas a apresentação de estreia. Vieram acompanhadas pelos urubus-rei. Numa coreografia integrativa, bailaram, bailaram, bailaram sobretudo, creio eu, para esquecerem *La comédie humaine* destes tempos trevosos nos quais vivemos atualmente. Como é cruel bailar assim.

Com açúcar e muito afeto seguiram bailando pela amplidão. Num instante de ilusão voaram, bailaram na fumaça um mundo novo, fazem um novo mundo na fumaça.

Os irmãos Valle trautearam na voz de Cláudia: “...Não confie em ninguém com mais de trinta anos / Não confie em ninguém com mais de trinta cruzeiros / O professor – Pasquale – tem mais de trinta conselhos / Mas ele tem mais de trinta, oh mais de trinta / Oh mais de trinta, oh mais de trinta”.

Foram retrucados por Miltoninho em versos de Luiz Antônio: “...No meu olhar, na minha voz / Um novo mundo, sinta! / É bom sonhar, sonhemos nós / Eu e você, Mulher de Trinta / Amanhã, sempre vem! / E o amanhã pode trazer alguém!”

O sol, saiu tímido através da *Cumulus*. Ensaçou um breve malabarismo nas encostas das montanhas arariboianas, tingiu o céu em tons magenta-alaranjados-dourados e se recolheu.

Não se sabe ao certo se por tantos descalabros que tem assistido, encimado no éter, ou se envergonhado com a beleza sutil e discreta, um breve sussurrar, tão bom perfume da mulher de trinta, de quarenta, de cinquenta, de sessenta...

Pistachemania

Lipe Borges/Divulgação



NIDO

Ingrediente em alta figura no menu das docerias e restaurantes cariocas

Por **Natasha Sobrinho** (@restaurants_to_love) Especial para o Correio da Manhã

A história do pistache começa nos países do Oriente Médio, mas foi na Itália que ganhou fama mundial. Apesar de não ser produzido no Brasil, ultimamente só dá ele nas receitas dos restaurantes e confeitarias. De cor verde e sabor amendoado, a semente é versátil e vai muito bem em comidas doces, inclusive está super em alta nesta Páscoa, mas também em pratos salgados. O Correio da Manhã preparou um roteiro com diversos pratos, da entrada à sobremesa, para você aproveitar. Confira abaixo:

Divulgação

Bruno de Lima/Divulgação



MILKY MOO

Tomás Rangel/Divulgação



CASA MOHAMED

Gabriel Ávila/Divulgação



IZAR



ARTESANOS BAKERY

ARTESANOS BAKERY – A casa, famosa pela sua padaria, de onde saem fornadas fresquinhas de pães de fermentação natural, destaca também as sobremesas com pistache. Para quem gosta do fruto a sugestão é a Eclair (R\$ 25) feita com massa recheada de creme de pistache da casa e os Macarons de pistache unidade (R\$ 6). Rua São João Batista, 26 - Botafogo. Tel: (21) 99467-1111.

CASA MOHAMED – O restaurante árabe, que acaba de abrir em Ipanema, traz em seu cardápio sobremesas com pistache. Entre elas, o Ataiif, famoso pastel de nozes, que vem acompanhando de sorvete de pistache (R\$ 34) e o Ninho de pistache, também servido com sorvete de pistache (R\$ 32). Rua Vinicius de Moraes, 149 – Ipanema. Tel: (21) 3435-4977.

ÉCLAIR – No menu da casa, destaque para o carro-chefe, o mais vendido: o éclair de pistachella (R\$ 35), feito com mousse de pistache com cobertura de creme de pistache e pistache picado. A marca também oferece uma versão de bebida com a iguaria: o frapê de pistache (R\$ 32). BarraShopping – Av. das Américas, 4666 - Loja 141, Praça XV - Nível Lagoa. Telefone: (21) 3556-9808.

ÍZAR – O capítulo de entradas do novo cardápio do restaurante espanhol traz o cruado de Atum y ajo blanco (R\$ 68,00), atum curado, melancia e ajo blanco de amêndoas e pistache. Na seção das sobremesas, o fruto aparece na Tarta de queso vasca de chocolate (R\$ 42) cheesecake de chocolate com pistache tostado, caramelo e flor de sal. Rua Barão da Torre, 538 – Ipanema. Tel: (21) 99725-7473.

MILKY MOO – Na loja especializada em milkshakes, não podia faltar a bebida no sabor de pistache. O Milkshake Estrela (R\$ 27 - 300ml / R\$ 32 - 500ml)

leva sorvete de baunilha, ganache de pistache e mix de três granulados glaceados (amendoim, avelã, macadâmia, açúcar, canela e aromatizante). Shopping Rio Sul

Filtro de Barro/Divulgação



SOVA FERMENTAÇÃO NATURAL

Samanta Toledo/Divulgação



ÉCLAIR

(Rua Lauro Müller, 116 – Botafogo_. Tel: (21) 99045-3003.

NIDO – No restaurante italiano, comandado pelo chef veneziano Rudy Bovo, o comensal pode encontrar várias opções de pratos com pistache. Entre as opções de principal está o Tagliolini com pistache, guanciale e laranja (R\$ 88). Para sobremesa a sugestão é o Figo Caramelizzato (R\$ 79), que leva mascarpone de pistache, além de figo caramelizado. Av. Gen. San Martin, 1.011, Leblon. Tel: (21) 2512-9021.

SOVA FERMENTAÇÃO NATURAL – A casa especializada em produtos de fermentação natural oferece em seu cardápio o famosos NY Roll no sabor de pistache (R\$ 15). Rua Xavier da Silveira, 34 – Copacabana. Tel: (21) 2147-7158.